

Grupos econômicos, conflito distributivo e fundo público durante a ditadura: as construtoras e a disputa pelo orçamento federal durante o regime empresarial-militar*

Pedro Henrique Pedreira CAMPOS**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (URFRRJ), Seropédica, RJ, Brasil

Resumo

O artigo pretende analisar a administração do fundo público e o conflito distributivo durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), problematizando a atuação dos grupos econômicos sobre o empenho do orçamento federal no período, em particular as grandes construtoras de obras de infraestrutura. O propósito é compreender os impactos do golpe de 1964 sobre o direcionamento dos recursos controlados pelo Estado e quais foram os grupos e classes sociais atendidos e os prejudicados pela política orçamentária no período. O texto se insere no debate historiográfico recente sobre a atuação do empresariado na ditadura brasileira e usa o conceito de fundo público, trabalhado por Francisco de Oliveira. A fonte principal do artigo é o Anuário Estatístico do Brasil publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que traz anualmente os dados do orçamento realizado. Após verificar gastos elevados nas pastas militares e nos ministérios responsáveis por obras de infraestrutura, concluímos que o pacto empresarial-militar da ditadura não dizia respeito apenas a uma relação política e divisão de poder, mas passava também pela repartição de recursos e apropriação do fundo público diretamente por esses agentes.

Palavras-chave: fundo público; ditadura brasileira; orçamento estatal; empresariado.

Grupos económicos, conflicto distributivo y fondos públicos durante la dictadura: las constructoras y la disputa por el presupuesto federal durante el régimen empresarial-militar

Resumen

El artículo pretende analizar la administración de los fondos públicos y el conflicto distributivo durante la dictadura civil-militar brasileña (1964-1985), cuestionando la actuación de los grupos económicos sobre el compromiso del presupuesto federal en el período, en particular las grandes constructoras de obras de infraestructura. El propósito es comprender los impactos del golpe de 1964 sobre la orientación de los recursos controlados por el Estado y cuáles fueron los grupos y clases sociales beneficiados y perjudicados por la política presupuestaria en ese período. El texto se inscribe en el debate historiográfico reciente sobre la actuación de la clase empresarial en la dictadura brasileña y utiliza el concepto de fondo público, elaborado por Francisco de Oliveira. La fuente principal del artículo es el Anuario Estadístico de Brasil, publicado por el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE), que recoge anualmente los datos del presupuesto ejecutado. Tras verificar los elevados gastos en las carteras militares y en los ministerios responsables de las

* Agradeço à leitura criteriosa e os pertinentes apontamentos de Ana Paula Perrota e Rafael Vaz da Motta Brandão.

** Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Departamento de História (DHist) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), atuando no Programa de Pós-Graduação de História da UFRRJ (PPHR). E-mail: phpcampos@yahoo.com.br.

 <http://lattes.cnpq.br/9808514796479539>.  <https://orcid.org/0000-0002-9280-3649>

Recebido em 13 de agosto de 2025 e aprovado para publicação em 31 de dezembro de 2025.



obras de infraestrutura, llegamos a la conclusión de que el pacto empresarial-militar de la dictadura no se refería únicamente a una relación política y a la división del poder, sino que también implicaba el reparto de recursos y la apropiación de los fondos públicos directamente por parte de estos agentes.

Palabras clave: fondos públicos; dictadura brasileña (1965-1985); presupuesto estatal; empresariado.

Economic groups, distributive conflict and public funds during the dictatorship: construction companies and the dispute over the federal budget during the corporate-military regime

Abstract

This article aims to analyse the administration of public funds and distributive conflict during the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985), questioning the role of economic groups in the allocation of the federal budget during this period, particularly large infrastructure construction companies. The purpose is to understand the impacts of the 1964 coup on the allocation of state-controlled resources and which social groups and classes benefited from and were harmed by budgetary policy during the period. The text is part of the recent historiographical debate on the role of business leaders in the Brazilian dictatorship and uses the concept of public funds developed by Francisco de Oliveira. The main source for the article is the Statistical Yearbook of Brazil published by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), which provides annual data on the actual budget. After verifying high expenditures in the military portfolios and in the ministries responsible for infrastructure works, we conclude that the business-military pact of the dictatorship was not only about a political relationship and division of power, but also involved the distribution of resources and appropriation of public funds directly by these agents.

Keywords: public funds; Brazilian dictatorship (1965-1985); state budget; business community.

Groupes économiques, conflit distributif et fonds publics pendant la dictature : les entreprises de construction et la dispute autour du budget fédéral pendant le régime militaro-industriel

Résumé

Cet article vise à analyser la gestion des fonds publics et le conflit distributif pendant la dictature civile-militaire brésilienne (1964-1985), en questionnant l'action des groupes économiques sur l'engagement du budget fédéral pendant cette période, en particulier les grandes entreprises de construction d'infrastructures. L'objectif est de comprendre les impacts du coup d'État de 1964 sur l'orientation des ressources contrôlées par l'État et de déterminer quels groupes et classes sociales ont été favorisés et défavorisés par la politique budgétaire de cette période. Le texte s'inscrit dans le débat historiographique récent sur l'action des entrepreneurs pendant la dictature brésilienne et utilise le concept de fonds publics, développé par Francisco de Oliveira. La principale source de l'article est l'Annuaire statistique du Brésil publié par l'Institut brésilien de géographie et de statistique (IBGE), qui présente chaque année les données du budget exécuté. Après avoir constaté des dépenses élevées dans les portefeuilles militaires et les ministères responsables des travaux d'infrastructure, nous avons conclu que le pacte entre les entreprises et les militaires de la dictature ne concernait pas seulement une relation politique et un partage du pouvoir, mais passait également par la répartition des ressources et l'appropriation des fonds publics directement par ces agents.

Mots-clés : fonds publics ; dictature brésilienne (1965-1985) ; budget de l'État ; entrepreneurs.

巴西独裁统治时期的经济集团、分配冲突与公共资金：军政集团统治下的建筑公司与联邦预算之争

摘要

本文分析了巴西军人独裁统治时期（1964-1985）的公共资金管理和分配方面的冲突，重点探讨经济利益集团在这一时期的联邦预算分配中的作用，特别是参与基础设施项目的大型建筑公司。本文旨在理解1964年军人政变对国家资源流向的影响，以及在这一时期，哪些社会群体和阶层受益于预算政策，哪些群体和阶层受损。本研究的背景是近期关于巴西关于军人独裁时期工商业部门的发展史的争论，作者采用了巴西学者弗朗西斯科·德·奥利维拉 (Francisco de Oliveira) 提出的公共资金的概念。本文的资料来源是巴西地理统计局 (IBGE)出

版的《巴西统计年鉴》，该年鉴每年发布预算执行情况的数据。在核实了军方各部门和负责基础设施项目的部委的高额支出后，我们得出结论：巴西独裁政权的军工勾结不仅关乎政治关系和权力划分，还涉及资源分配以及这些机构与集团对公共资金的直接挪用。

关键词：公共资金；巴西独裁政权（1965-1985）；国家预算；商业部门。

Wirtschaftsgruppen, Verteilungskonflikte und öffentliche Mittel während der Diktatur: die Bauunternehmen und der Streit um den Bundeshaushalt während des militärisch-industriellen Regimes

Zusammenfassung:

Der Artikel befasst sich mit der Verwaltung öffentlicher Gelder und dem Verteilungskonflikt während der brasilianischen Zivil-Militär-Diktatur (1964-1985) und hinterfragt dabei die Rolle der Wirtschaftsgruppen bei der Verwendung des Bundeshaushalts in diesem Zeitraum, insbesondere die der großen Bauunternehmen für Infrastrukturprojekte. Ziel ist es, die Auswirkungen des Staatsstreichs von 1964 auf die Verwendung der vom Staat kontrollierten Ressourcen zu verstehen und zu ermitteln, welche Gruppen und sozialen Schichten von der Haushaltspolitik in diesem Zeitraum profitierten und welche benachteiligt wurden. Der Text reiht sich in die aktuelle historiografische Debatte über die Rolle der Wirtschaft während der brasilianischen Diktatur ein und greift auf das von Francisco de Oliveira entwickelte Konzept der öffentlichen Mittel zurück. Die Hauptquelle des Artikels ist das vom brasilianischen Institut für Geografie und Statistik (IBGE) veröffentlichte Statistische Jahrbuch Brasiliens, das jährlich Daten zum ausgeführten Haushalt enthält. Nachdem wir hohe Ausgaben in den Militärressorts und in den für Infrastrukturprojekte zuständigen Ministerien festgestellt haben, kommen wir zu dem Schluss, dass der Pakt zwischen Wirtschaft und Militär während der Diktatur nicht nur eine politische Beziehung und Machtverteilung betraf, sondern auch die Verteilung von Ressourcen und die Aneignung öffentlicher Gelder direkt durch diese Akteure.

Schlüsselwörter: Öffentliche Mittel; brasilianische Diktatur (1965-1985); Staatshaushalt; Unternehmertum.

Introdução

Em fevereiro de 2025, a socióloga e servidora de carreira da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) Nísia Trindade foi afastada da direção do Ministério da Saúde pelo governo Lula, sendo substituída pelo político e ex-ministro Alexandre Padilha, quadro do Partido dos Trabalhadores (PT). Dentre vários fatores, a queda da ministra tem relação com os interesses de diversos segmentos políticos sobre o que é hoje o maior orçamento da esplanada dos ministérios, responsável pela coordenação do Sistema Único de Saúde e por programas como o de vacinação, o Farmácia Popular, dentre muitas outras iniciativas e políticas, com vultosos recursos mobilizados. Apesar de hoje, na vigência do regime democrático, o Ministério da Saúde contar com as maiores dotações do orçamento federal dentre as pastas do Executivo, a realidade histórica mostra que isso nem sempre foi assim. Em 1974, a pasta possuía a 10ª dotação orçamentária dentre os ministérios do governo central, sendo desbancado por outros mais prioritários como o Ministério dos Transportes e as pastas militares, que lideravam os dispêndios no governo federal (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], 1975).

O presente artigo pretende problematizar a gestão do fundo público durante a ditadura, analisando o conflito distributivo entre as classes sociais. Especificamente nos debruçamos sobre o orçamento federal, tentando entender as prioridades do regime e quem ganhou e quem perdeu com as mudanças na política orçamentária em nível federal desde o golpe de Estado de 1964, enfatizando os grupos econômicos atendidos pelas políticas oficiais e, em particular, as empreiteiras de obras públicas. Alguns poucos pesquisadores fizeram apontamentos em suas pesquisas sobre o orçamento durante a ditadura, assinalando a redução dos gastos sociais. No entanto, esses autores estavam discutindo respectivamente a política educacional e sanitária do regime, não sendo propósito de nenhuma das pesquisas analisar sistematicamente o orçamento realizado durante a vigência da ditadura.

Para analisar o conflito distributivo e a apropriação do fundo público durante a ditadura, utilizamos os dados anuais do orçamento federal realizado, disponível no Anuário Estatístico do Brasil, publicado pelo IBGE. Assim, trabalhamos esses dados, buscando desenvolver uma análise calcada no método quantitativo. Dessa forma, buscamos verificar os padrões e tendências dos dados, relacionando a elementos qualitativos como a força política de grupos sociais organizados, como empresários reunidos em organismos da sociedade civil e militares devidamente articulados em entidades como a Escola Superior de Guerra (ESG). Trata-se de um contexto difícil de análise quantitativa dos dados em razão da elevada e crescente inflação, além da sucessão de planos econômicos com alterações monetárias, principalmente na década de 1980. Sendo assim, privilegiamos o uso da proporção dos dados, comparando os dispêndios de cada pasta e tentando apreender as prioridades políticas do regime. O recorte estabelecido vai de 1963 a 1985, com olhar sobre o orçamento anterior ao golpe de 1964, tentando verificar as modificações sentidas após a mudança de governo. Para além do debate sobre a periodização da ditadura, não fomos depois de 1985 em razão da mudança de moeda no país nesse ano, com a substituição do Cruzeiro pelo Cruzado. Por fim, a administração indireta – com as empresas estatais, sistema de previdência etc. – está fora dos cálculos. Ficamos restritos à administração direta, com as verbas de cada ministério do Executivo e outros gastos do governo federal.

Figura 1 – Discriminação do orçamento federal realizado no ano de 1965:

FINANÇAS PÚBLICAS							
B) Finanças da União							
10. DESPESA REALIZADA, SEGUNDO OS ÓRGÃOS DA ADMINISTRAÇÃO — 1963/5							
ESPECIFICAÇÃO	DESPESA REALIZADA (Cr\$ 1 000)						
	1963	1964	1965				
			Total	Despesas correntes	Despesas de capital	Créditos especiais e extraordinário	Despesas de exercícios anteriores
Poder Legislativo	8 692 485	26 102 296	39 821 801	32 633 840	6 772 200	415 761	—
Câmara dos Deputados.....	5 746 048	16 161 066	26 197 705	22 428 500	3 404 200	365 005	—
Senado Federal.....	2 946 437	9 941 230	13 624 096	10 205 340	3 368 000	50 756	—
Órgãos Auxiliares	1 599 082	3 204 875	5 208 131	5 037 680	170 451	—	—
Tribunal de Contas.....	1 441 187	2 950 984	4 612 845	4 476 361	136 484	—	—
Conselho Nacional de Economia.....	157 895	253 891	595 286	561 319	33 967	—	—
Poder Executivo	1 255 585 656	2 716 948 262	4 329 246 113	2 748 544 366	1 106 843 207	473 829 982	28 558
Presidência da República.....	23 267 626	36 963 525	90 586 585	46 118 026	44 414 197	54 362	—
Departamento Administrativo do Serviço Público	481 861	1 166 077	2 698 859	2 664 897	33 962	—	—
Estado-Maior das Forças Armadas.....	96 648	575 269	2 859 788	282 172	2 556 272	21 344	—
Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas.....	13 496	23 861	54 175	48 175	6 000	—	—
Comissão do Vale do São Francisco.....	3 570 220	10 263 845	21 940 450	2 360 450	19 580 000	—	—
Conselho de Segurança Nacional.....	187 720	735 590	1 551 438	54 905	1 496 533	—	—
Conselho Nacional de Telecomunicações.....	—	662 415	1 284 712	446 364	838 348	—	—
Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste	10 680 378	70 906 694	29 000 000	1 763 000	12 826 590	14 410 410	—
Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.....	13 323 742	18 604 607	31 247 586	4 280 430	16 967 156	10 000 000	—
Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Fronteira Sudoeste do País.....	905 255	1 638 600	3 924 000	350 000	3 274 000	300 000	—
Ministério da Aeronáutica.....	54 080 666	135 581 441	236 528 560	197 584 697	37 364 363	1 579 500	—
Ministério da Agricultura.....	35 462 179	87 087 662	124 133 817	78 761 746	45 371 406	—	665
Ministério da Educação e Cultura.....	70 096 904	161 500 054	396 424 538	201 605 392	194 703 940	115 206	—
Ministério da Fazenda.....	471 756 773	948 720 131	1 328 900 341	734 194 601	239 798 756	354 898 064	8 921
Ministério da Guerra.....	87 128 208	150 002 927	460 786 683	408 642 588	48 202 726	3 924 964	16 405
Ministério da Indústria e do Comércio.....	2 559 987	3 091 003	6 916 945	5 142 287	759 658	1 015 000	—
Ministério da Justiça e Negócios Interiores.....	11 499 785	24 181 353	102 569 548	89 257 573	12 748 145	561 273	2 557
Ministério da Marinha.....	53 202 250	92 335 950	223 766 174	208 017 594	13 968 580	1 780 000	—
Ministério de Minas e Energia.....	21 902 596	56 128 075	142 664 993	14 891 435	97 206 258	30 567 300	—
Ministério das Relações Exteriores.....	5 990 736	8 830 971	13 386 518	11 148 565	2 005 469	232 464	—
Ministério da Saúde.....	41 223 366	68 395 346	117 996 859	75 709 209	41 262 409	1 025 251	—
Ministério do Trabalho e Previdência Social.....	37 841 664	82 137 865	86 372 881	86 026 179	246 702	100 000	—
Ministério da Viação e Obras Públicas.....	292 705 812	717 204 679	903 650 653	579 194 081	271 211 738	53 244 824	10
Órgãos transferidos para o Estado da Guanabara	17 607 784	30 188 521	—	—	—	—	—
Poder Judiciário	11 699 391	24 458 972	40 643 978	35 131 379	3 745 036	1 767 435	128
Supremo Tribunal Federal.....	600 362	1 457 522	2 100 626	1 987 956	77 670	25 000	—
Tribunal Federal de Recursos.....	951 724	1 794 848	2 650 531	2 030 331	611 200	—	—
Justiça Militar.....	282 636	1 392 720	3 047 055	1 826 663	1 219 731	661	—
Justiça Eleitoral.....	2 909 245	7 801 394	12 816 156	11 964 118	852 025	13	—
Justiça do Trabalho.....	5 825 188	11 364 000	18 736 076	16 232 936	898 011	1 605 901	128
Justiça do Distrito Federal e Territórios.....	430 336	648 489	1 292 634	1 070 375	88 399	135 860	—
TOTAL	1 277 576 614	2 770 714 405	4 414 920 023	2 821 347 266	1 117 530 894	478 013 178	28 686

FONTE — Contadoria Geral da República.

Fonte: IBGE (1966).

Um exemplo dos documentos com o qual trabalhamos pode ser verificado acima. Para lidar com os dados do orçamento e sua apropriação, mobilizamos o conceito de fundo público, assim concebido por Francisco de Oliveira (1988, p. 1, grifo nosso):

Nas últimas cinco décadas, acelerada e abrangentemente, o que se chama de Welfare State, como consequência das políticas originalmente anticíclicas de teorização keynesiana, constituiu-se no padrão de financiamento público da economia capitalista. Este pode ser sintetizado na sistematização de uma esfera pública na qual, a partir de regras universais e pactadas, o **fundo público**, em suas diversas formas, **passou a ser o pressuposto do financiamento da acumulação de capital**, de um lado, e, de outro, do financiamento da reprodução da força de trabalho, atingindo globalmente toda população por meio dos gastos sociais.

Dessa forma, a proposta do presente texto é analisar como foram administrados os recursos controlados pelo aparelho de Estado, que passaram a ter um papel fundamental na dinâmica da acumulação capitalista desde as reformulações verificadas nas economias nacionais ao longo do século XX. No caso, conforme veremos, a ditadura brasileira majorou significativamente os recursos mobilizados pelo Estado e os investimentos públicos tiveram um papel fundamental no crescimento econômico sentido no país naquele período.

Por fim, em termos de marcos teóricos estamos em diálogo direto com os avanços recentes acerca da participação do empresariado na ditadura brasileira, incluindo as empreiteiras. Com base no estudo de Dreifuss sobre o engajamento dos grandes grupos econômicos internacionais e brasileiros no golpe de 1964, diversas pesquisas foram desenvolvidas nas últimas décadas sobre a atuação dos empresários na durante o regime autocrático instaurado após a queda do governo Jango. Essas pesquisas tratam da composição desses agentes empresariais no governo, a colaboração com o aparato repressivo e os benefícios obtidos com as políticas estatais ao longo dos anos da ditadura. Conforme veremos, os militares e grandes grupos econômicos foram fartamente favorecidos pela política orçamentária do regime ditatorial.

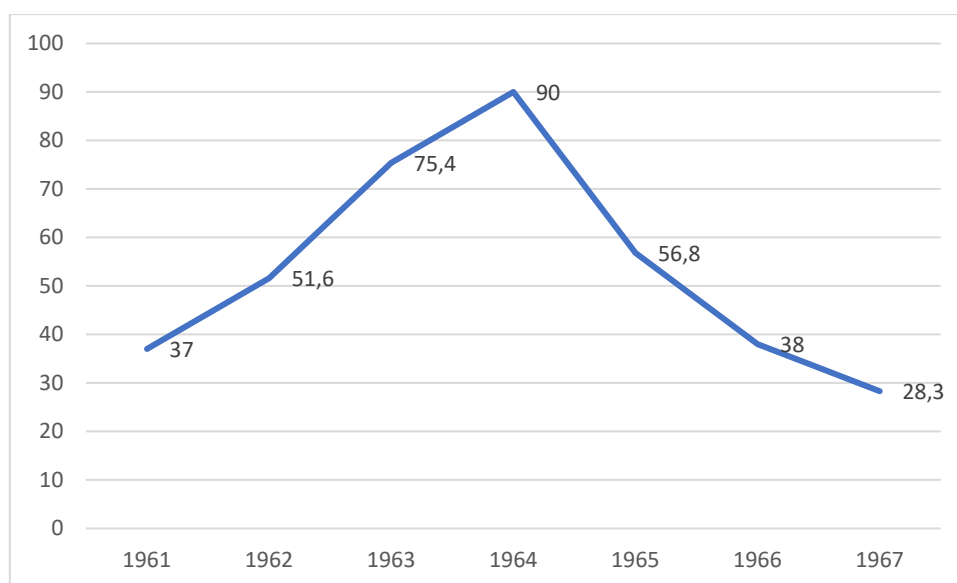
O presente artigo está dividido em três partes. Na primeira delas, analisamos os impactos do golpe de 1964 sobre a política orçamentária, verificando as modificações sentidas nos dispêndios estatais após a derrubada do sistema democrático. Em seguida, analisamos as pastas favorecidas e prejudicadas nos orçamentos realizados ao longo do auge da ditadura, em especial na década de 1970. Por fim, tratamos dos impactos da transição política e a complexificação do orçamento nos gastos estatais desde o final da década de 1970 e durante os anos 80.

O golpe de 1964 e o orçamento estatal:

Logo após o golpe, o ditador Humberto de Alencar Castelo Branco montou sua equipe ministerial convidando para as funções principais nomes consagrados do campo conservador e do pensamento econômico ortodoxo. Para os ministérios da Fazenda e do Planejamento ele nomeou, respectivamente, Octávio de Gouvêia Bulhões e Roberto

Campos, agentes com ampla trajetória em instituições e posições estatais e privadas e que deram o tom da política econômica do primeiro governo da ditadura. A dupla estruturou o famoso Plano de Ação Econômica do Governo (Paeg), que tem a característica peculiar de ser um programa de restrição da atividade econômica, que utilizou mecanismos ortodoxos, ao mesmo tempo em que era um projeto de reestruturação institucional do Estado brasileiro. Ele partia de um diagnóstico de que o Estado brasileiro praticava um “populismo distributivista”. De acordo com Roberto Campos, era necessário acabar com o “populismo econômico” na área fiscal (gastos excessivos), creditícia (crédito sem respaldo de poupança interna) e salarial (salários elevados demais) (Prado; Earp, 2003). Assim, o Paeg operou como um plano anti-inflacionário que tentou combater a alta dos preços através de mecanismos como a contenção dos salários, o aumento da carga tributária, o corte nos gastos públicos e a contração da oferta da moeda e do crédito. Para esse propósito específico o plano conseguiu atingir em boa medida os seus objetivos:

Gráfico 1 – Taxa de inflação antes e depois do Paeg (em % anual):



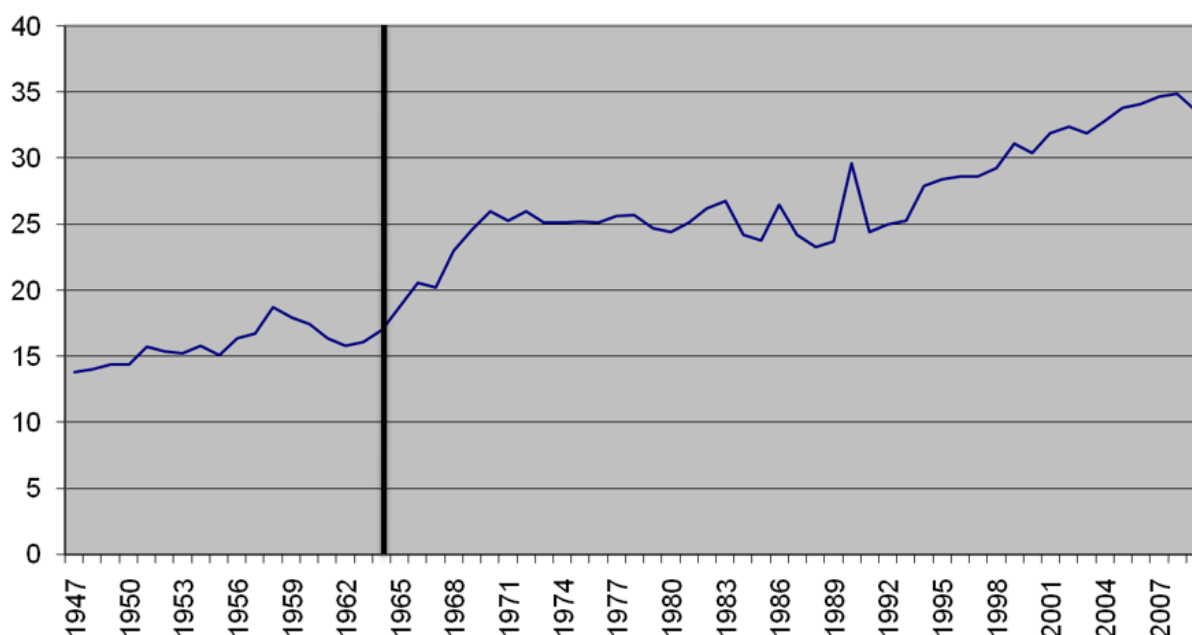
Fonte: Moraes (2016, p. 85).

Como se vê através do gráfico, o primeiro governo da ditadura logrou êxito na derrubada da pressão inflacionária, ao reduzir de 90% para 28,3% o índice entre 1964 e 1967.

No entanto, um dos artifícios usados para a obtenção desse resultado foi a reformulação do sistema tributário e aumento dos impostos. O antigo Imposto sobre Valor Adicionado (IVA) foi substituído pelo Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) e o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), mais eficientes na captação de recursos que o padrão tributário anterior. Havia uma ênfase da tributação sobre o consumo, em

detrimento da taxaço da renda e da propriedade, o que produzia um efeito regressivo, onerando mais as classes subalternas e tributando menos os segmentos mais privilegiados da sociedade. De qualquer forma, houve a ampliaço da carga tributária de uma forma geral, que se elevou de 18 para 26,7% entre 1963 e 1968. Verificando os dados sobre a carga anual de impostos na economia brasileira do IBGE, vemos índices semelhantes:

Gráfico 2 – Carga tributária anual da economia brasileira:



Fonte: IBGE (2012).

Conforme se vê, a carga tributária antes do golpe de 1964, girava em torno de 15% do PIB. A linha preta que inserimos e que diz respeito ao golpe de 1964, mostra uma alta em seguida, levando o índice para uma média de 25% a partir dos anos 1970, novo patamar que se manteve até o Plano Real.

Outro instrumento utilizado pela equipe econômica do governo Castelo para conter a atividade econômica e a pressão inflacionária foi o corte de gastos estatais. Como existem dispêndios fixos, como os salários dos servidores públicos, os cortes se deram sobretudo nos investimentos e nas pastas de interesse direto das empreiteiras de obras públicas. O ministério de maior interesse das construtoras dedicadas aos empreendimentos de infraestrutura no período era o de Viação e Obras Públicas, ao qual estava subordinado o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), responsável pela implementação, ampliação, pavimentação e restauração das rodovias federais. A pasta tinha gastos crescentes no período até o golpe, tendo as suas despesas reduzidas drasticamente a partir de 1964, como se vê na tabela abaixo elaborada com base nos dados do orçamento:

Tabela 1 – Orçamento do Ministério de Viação e Obras Públicas:

Ano:	Valor nominal:	Variação real em relação ao ano anterior:
1961	Cr\$ 87 bilhões	-
1962	Cr\$ 150 bilhões	+ 13,7%
1963	Cr\$ 292 bilhões	+ 10,9%
1964	Cr\$ 717 bilhões	+ 29,2%
1965	Cr\$ 903 bilhões	- 19,6%
1966	Cr\$ 907 bilhões	- 27,2%
1967	Cr\$ 1.440 bilhões	+ 23,7%

Fonte: IBGE (1964-1968).

Como se vê na tabela acima, o MVOP possuía orçamento crescente às vésperas do golpe, com dotações orçamentárias anuais escalando ano após ano. Logo após o golpe, a pasta sofreu cortes profundos em suas despesas, tendo dois anos de substantivos decréscimos em seus dispêndios. A partir de 1967, com o governo Costa e Silva e a nova política econômica implementada pelo ministro Delfim Netto, os investimentos voltaram e a pasta voltou a ter gastos crescentes.

Os dados expressos na tabela são confirmados pelos testemunhos dos agentes empresariais envolvidos com o ministério. Wilson Quintella (2008, p. 243), alto dirigente da maior empreiteira do país, a paulista Camargo Corrêa, assim se refere ao período Goulart:

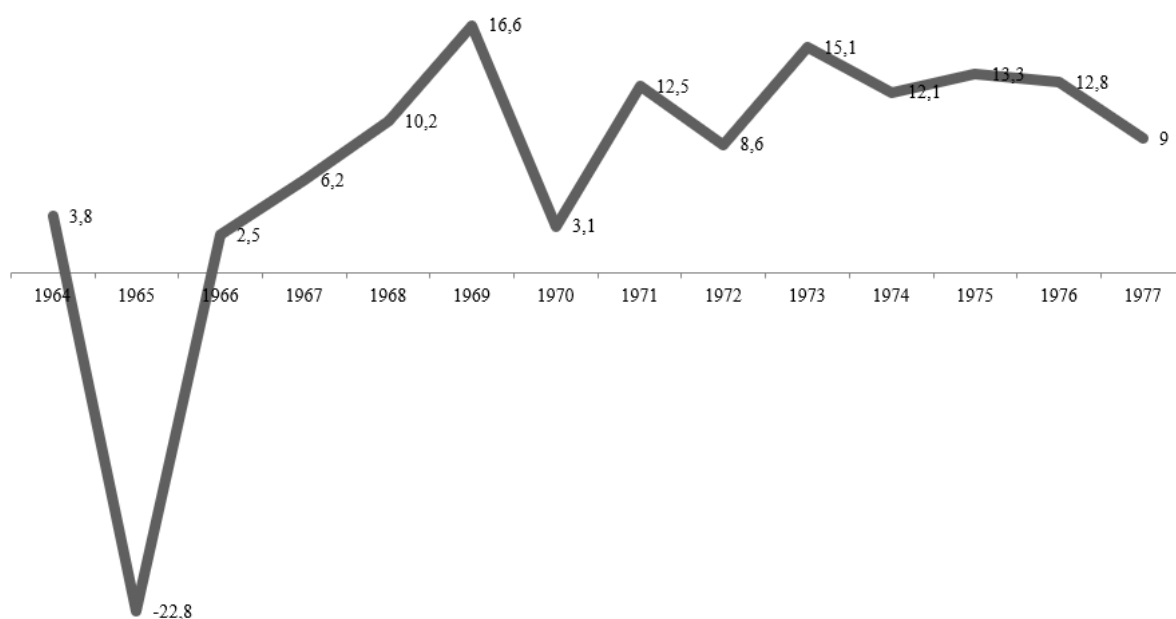
A maioria das pessoas faz uma ideia errônea a respeito do governo de Jango, mais lembrado pelas circunstâncias em que assumiu e pelo golpe militar que o derrubou. No tempo em que ficou no cargo no regime presidencialista, quando tinha mais força, Jango criou um programa ousado de obras e levou-o adiante com uma firmeza pouco vista.

Assim, o governo trabalhista e reformista de Jango parecia contar com a simpatia de alguns empresários e dos empreiteiros em particular, ao retomar em certa medida o padrão de obras rodoviárias do período do Plano de Metas do período Kubitschek. O mesmo testemunho assim se refere aos impactos do golpe sobre as obras públicas:

Em 31 de março de 1964, Jango foi deposto e o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, chefe do Estado Maior do Exército, assumiu o governo com a promessa de logo, com eleições, devolvê-lo aos civis. Todas as obras foram paralisadas. Houve uma intervenção no DNER e seus diretores foram afastados e substituídos por militares de alta patente. [...] O corte orçamentário promovido pelo governo militar foi um mal que desatualizou a nossa infra-estrutura rodoviária (Quintella, 2008, p. 247; 249).

Vê-se que o relato do dirigente de empreiteira converge com os dados apresentados na tabela anterior. O setor estava em ritmo de expansão às vésperas do golpe e sofreu uma retração profunda após a derrubada do regime democrático. O efeito sobre a construção civil como um todo foi significativo, como se nota no gráfico abaixo, que expressa o índice de atividade da indústria da construção:

Gráfico 3 - Variação anual do produto da indústria da construção civil:

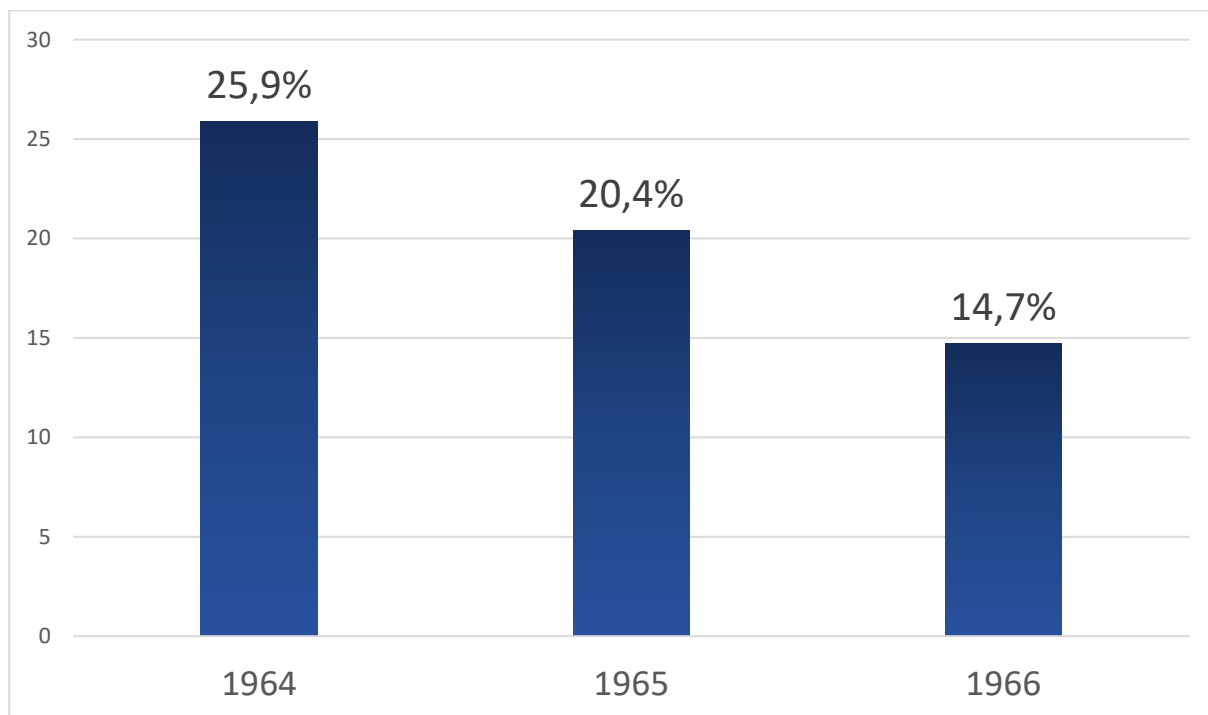


Fonte: Almeida, Dain e Zoninsein (1982).

O ano posterior ao golpe protagoniza o pior da série histórica das atividades da construção civil no país, o que inclui o setor habitacional urbano, não impactado diretamente pela recondução das políticas estatais. Mas o efeito sobre o setor como um todo foi bastante intenso, como se vê no gráfico. Não à toa, o ano de 1967 é considerado na indústria como a “Retomada”.

O congelamento das atividades e dos gastos do Ministério de Viação e Obras Públicas foi tão significativo que a pasta perdeu importância dentro dos gastos gerais da União. Assim, conforme se vê no gráfico abaixo, confeccionado com dados do orçamento anual, o ministério perdeu o peso que possuía outrora nos gastos federais:

Gráfico 4 – Participação do Ministério de Viação e Obras Públicas no orçamento da União:



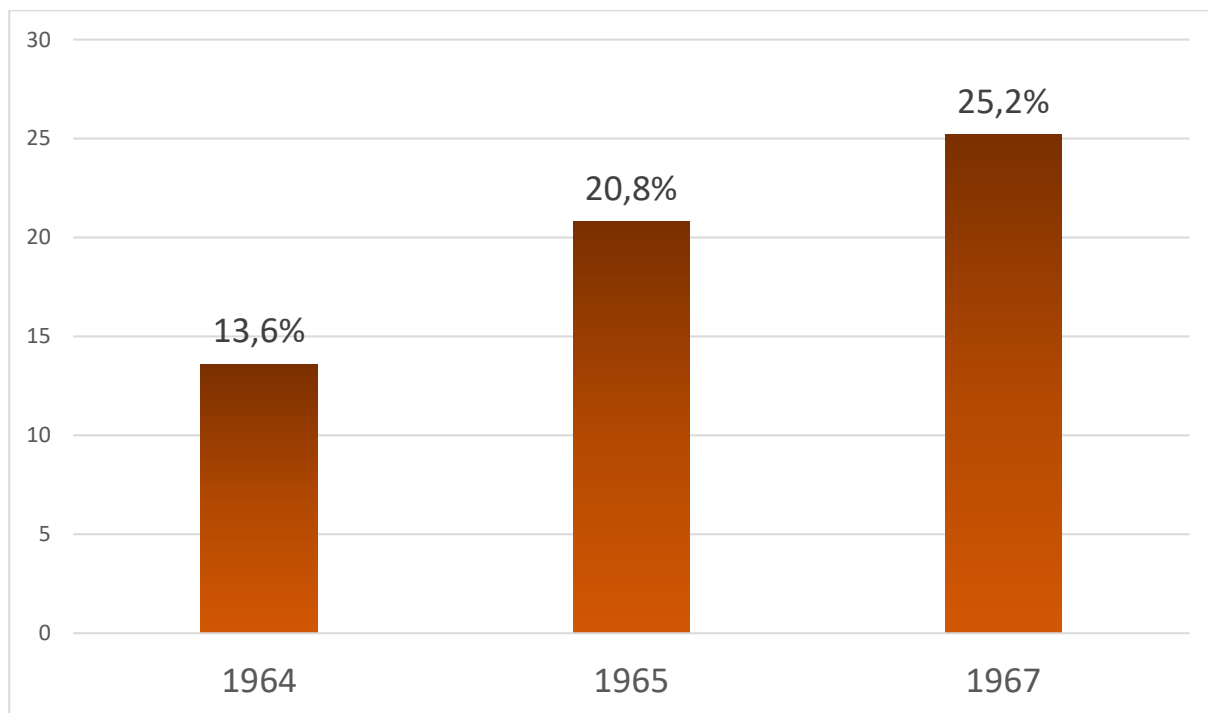
Fonte: IBGE (1965-1967).

Vê-se como o ministério parte de aproximadamente $\frac{1}{4}$ de todos os dispêndios federais em 1964 para pouco mais de 15% apenas dois anos depois.

Essa redução dos investimentos e dos gastos estatais não veio desacompanhada de críticas de empresários, sejam empreiteiros de obras públicas como também outros segmentos do patronato. Assim, em 1965, o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) se queixou das ações do governo, afirmando que este “com sua política financeira, acabará atirando a indústria nacional no abismo” (Vizentini, 1998, p. 30). Já o empresário José Ermírio de Moraes acusou a equipe econômica do governo Castelo de possuir o “deliberado propósito de esmagar a empresa nacional.” (Vizentini, 1998, p. 78). Por sua vez, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) também se queixava do viés “aumentista” da reforma tributária aplicada no período (Moraes, 2016).

Porém, nem todos os setores ficaram incomodados com as políticas e os gastos orçamentários do governo Castelo Branco. Houve segmentos sociais que foram beneficiados pelas políticas estatais desse período, o que pode ser percebido inclusive no orçamento. Assim, se as dotações do MVOP estiveram em queda livre nos primeiros anos da ditadura, o mesmo não se pode dizer das fatias controladas pelas pastas militares, conforme se vê no gráfico abaixo, que arrola a fatia do orçamento que dispunham a soma dos gastos com o Ministério da Guerra (Exército), Marinha e Aeronáutica:

Gráfico 5 – Proporção dos gastos com os ministérios militares em relação ao orçamento federal:



Fonte: IBGE (1965, 1966, 1968).

Como se vê, as três pastas somadas partem de um patamar inferior a 15% no ano da eclosão do golpe para mais de $\frac{1}{4}$ dos gastos do Orçamento Geral da União em 1967. Importante assinalar que no período houve uma ampla reforma militar que chegou a pôr fim à patente de marechal, dentre outras medidas, e houve aumento substantivo do soldo recebido pelos funcionários das forças armadas. Além disso, havia um projeto de modernização das forças armadas e montagem de um complexo industrial-militar que foi parcialmente construído nos anos seguintes, consoante o plano da ESG de conceber uma potência mundial. Dentre os projetos militares da ditadura, destaca-se o programa nuclear, com o qual o Brasil buscava controlar a tecnologia do processamento de urânio, malgrado esse projeto também tenha tido recursos fartamente capturados por interesses empresariais.

Assim, como vimos nesta seção do artigo, o golpe de 1964 teve consequências profundas sobre o orçamento público. Com o programa anti-inflacionário da equipe econômica e o caráter militar do regime, o que se viu nos primeiros anos da ditadura foram a redução dos gastos em obras de infraestrutura e a elevação das dotações orçamentárias das pastas militares. Vejamos agora os efeitos sentidos no auge do regime empresarial-militar.

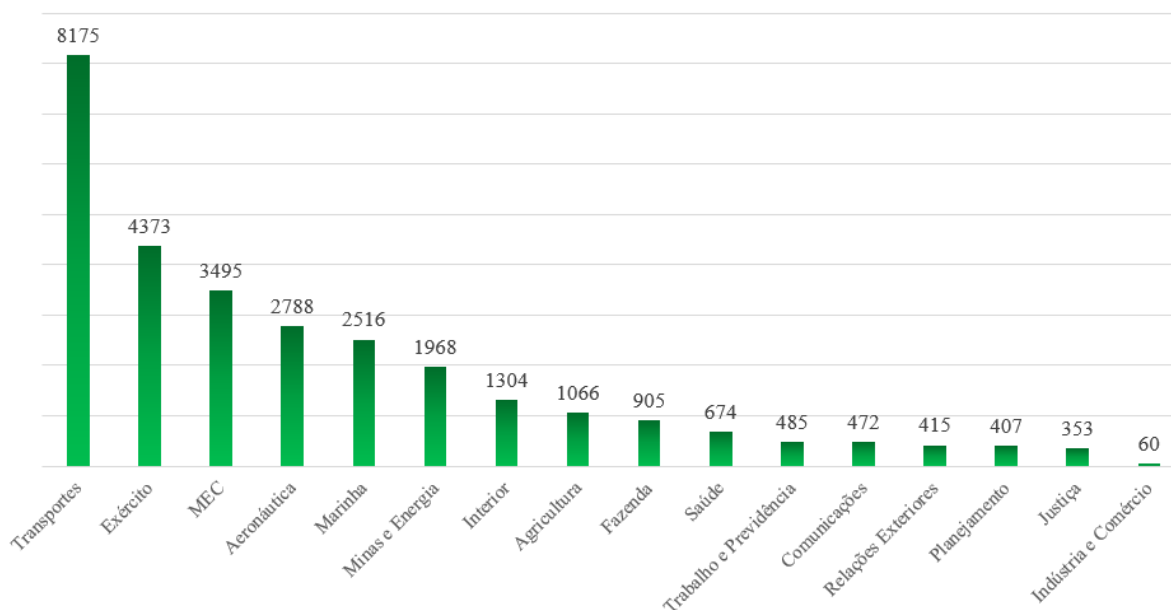
Orçamento e prioridades no auge da ditadura:

A chegada de Artur da Costa e Silva ao governo em 1967 levou à uma guinada da política econômica da ditadura. O novo ministro da Fazenda, Delfim Netto, anunciou em seu discurso de posse que a nova prioridade era o “desenvolvimento”, e não mais o combate à inflação. Com algumas modificações realizadas nas políticas estatais, a economia entraria em novo ritmo de atividade, passando pelo maior ciclo de expansão de sua história, o chamado “milagre” brasileiro, quando, durante seis anos, o crescimento anual do PIB ficou em média superior aos dois dígitos com uma inflação relativamente controlada. Muito se argumentou que o Paeg foi o responsável pelo “milagre”, porém Victor Leonardo de Araújo argumenta de outra forma: “Em suma, as reformas do governo Castello viabilizaram instrumentos importantes para a gestão macroeconômica. Entretanto, a mudança no sentido da sua condução é que permitiu a aceleração das taxas de crescimento do PIB com queda da inflação” (Araújo; Mattos, 2021, p. 286). Assim, a mudança na política econômica em 1967 cumpriu um papel determinante na alteração dos resultados obtidos pela expansão do PIB.

Também é um lugar comum na leitura sobre a história econômica da ditadura a tese de que as multinacionais deram o tom da expansão econômica e que seus investimentos foram determinantes para o crescimento da economia brasileira. Sem negar o importante papel desempenhado pelos grupos multinacionais, deve-se levar em conta o papel fundamental do Estado nos investimentos para compreender a escala do avanço obtido no período. Assim, destaca-se o papel que o Ato Institucional n. 5 dispôs em termos de política econômica, ao permitir ao ministro da Fazenda legislar nessa matéria e poder baixar portarias que redirecionavam os recursos estatais. Delfim reduziu os repasses para estados e municípios e concentrou recursos no governo federal de modo a fazer mais investimentos, perseguindo a meta de acelerar o crescimento da economia brasileira. Assim Elio Gaspari relata entrevista que ele fez junto ao ex-ministro: “Num cálculo grosseiro, levando em conta outros instrumentos financeiros e tributários, Delfim Netto estimou que no final de 1970 os recursos controlados pelo governo federal eram quase o dobro do montante disponível em 67, quando terminou o governo Castello” (Gaspari, 2002, p. 233).

A criação de uma nova pasta estatal e o Ministério dos Transportes, em substituição ao Ministério de Viação e Obras Públicas, coincidiu com o primeiro ano completo do governo Costa e Silva e o AI-5. O ministério passaria ser doravante o campeão de dotação na esplanada, conforme se vê no gráfico abaixo, referente ao ano de 1974:

Gráfico 6 – Dotações por ministério (em CR\$ bilhões) no Orçamento federal de 1974:



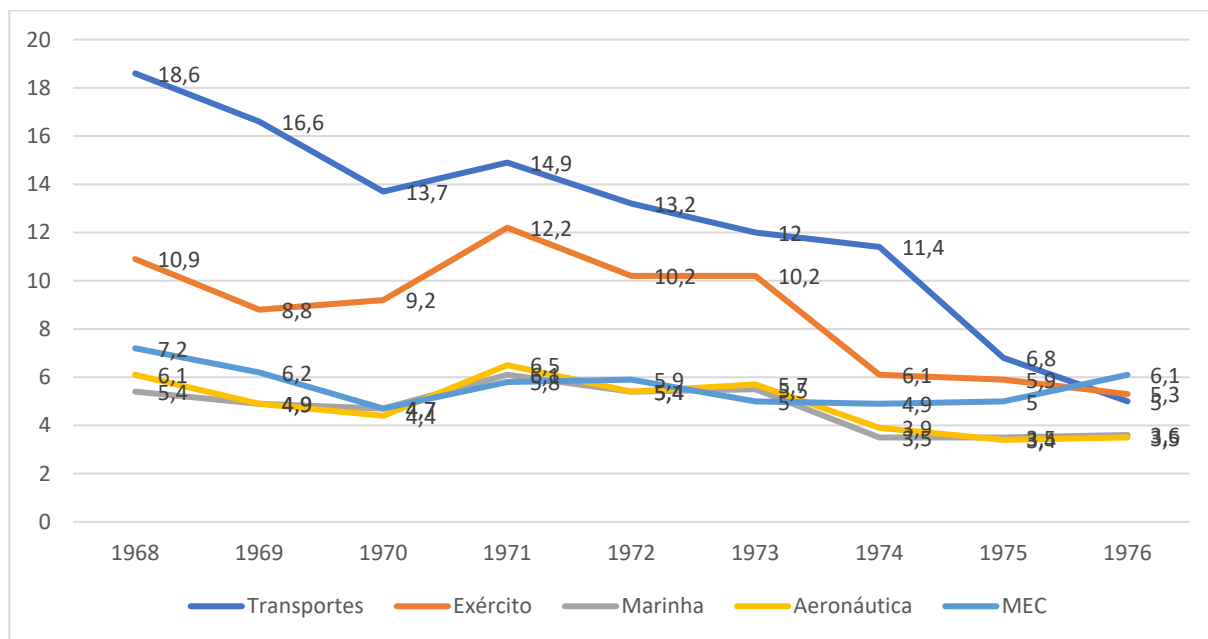
Fonte: IBGE (1975).

Esse gráfico foi montado com o valor absoluto do orçamento realizado de cada um dos ministérios do poder Executivo no ano de 1974. Vê-se que o Ministério dos Transportes tem o maior dispêndio dentre as pastas governamentais, com quase o dobro da dotação do segundo ministério com maior despesa, o Ministério do Exército. Percebe-se também a permanência da alta dotação dos ministérios militares – traço comum a toda a ditadura – com o 2º, o 4º e o 5º maior orçamento do poder Executivo.

O Ministério dos Transportes foi criado junto com o governo Costa e Silva e teve como primeiro titular o coronel Mário David Andreazza, poderoso quadro da ditadura e figura emblemática do “milagre” econômico. Sob sua gestão foram postos em prática importantes projetos, como o Programa de Integração Nacional (PIN). Além disso, o DNER possuía um poder significativo no período, conduzido pelo engenheiro Eliseu Resende, responsável por grandes iniciativas como a rodovia Transamazônica, a Rio-Santos, a Cuiabá-Santarém, a Perimetral Norte, dentre outras.

A liderança do Ministério dos Transportes à frente das dotações orçamentárias da esplanada não se restringira a 1974, conforme se vê no gráfico abaixo, novamente baseado em dados do orçamento federal:

Gráfico 7 – Porcentagem do orçamento federal das pastas com mais recursos do Executivo:

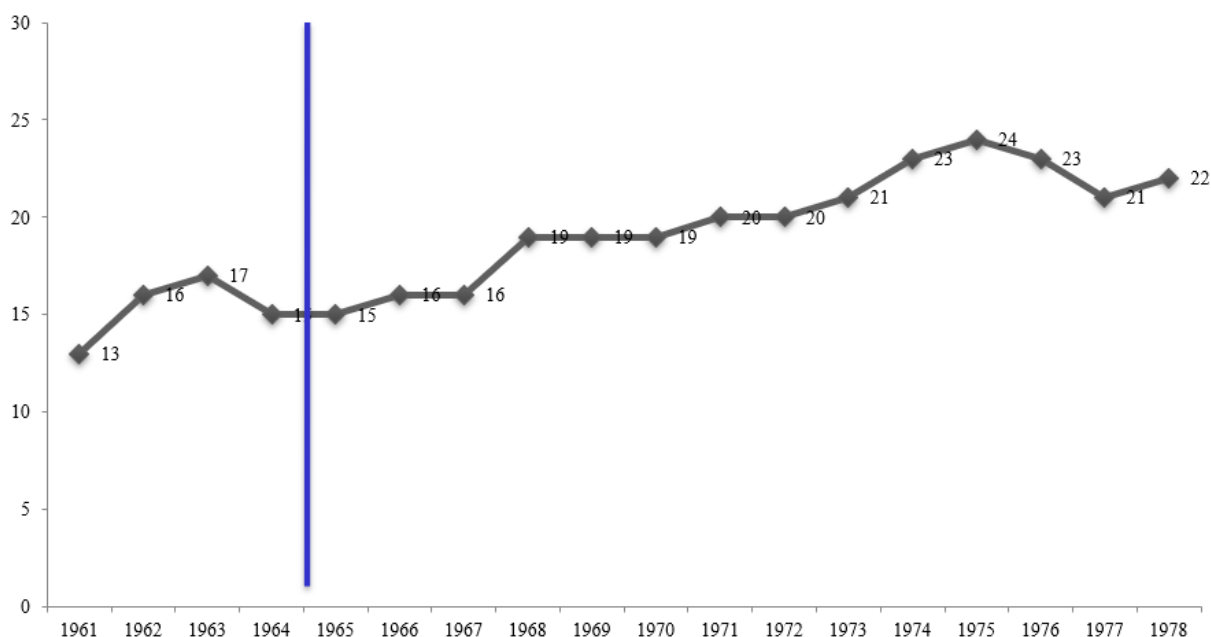


Fonte: IBGE (1969-1977).

O gráfico acima foi montado com dados dos orçamentos realizados entre 1968 e 1976 e conta com a porção que cada pasta dispôs de todo o orçamento federal nesses anos. Retiramos dessa contagem o Ministério da Fazenda, que liderava o índice em 1968 e 1969, quando a pasta incluía repasses para estados e municípios, gastos financeiros e outros dispêndios reunidos a partir de 1970 na rubrica “Encargos gerais da União”, que incluíam pagamentos de salários, precatórios, gastos financeiros, previdenciários, dentre outros. No gráfico percebe-se que a porcentagem controlada pelo Ministério dos Transportes é declinante. No entanto, ele lidera a dotação entre os ministérios desde o ano em que foi criado até 1975. Apenas em 1976 seu orçamento é superado pelo Ministério da Educação e Cultura e pelo Ministério do Exército. Seus gastos eram principalmente direcionados para investimentos, na forma de contratos com empreiteiras de obras públicas para a implementação, ampliação, melhoramento e pavimentação de estradas, além de obras de portos, ferrovias e outros empreendimentos. Assim, boa parte desses dispêndios era apropriada por grupos empresariais como as empreiteiras de obras públicas, que estavam diretamente associadas ao ministro Mário Andreazza e ao dirigente do DNER, Eliseu Resende. Importante frisar também que os gastos com a pasta eram justificados pelo elevado conjunto de empregos gerados nos investimentos realizados na área de Transportes, tendo em vista que as construtoras empregavam grande contingente de força de trabalho, com milhares de operários em canteiros como o da ponte Rio-Niterói, os metropolitanos urbanos, as grandes rodovias na Amazônia etc.

Essa retenção dos gastos com as divisões administrativas subnacionais e a economia com ministérios das áreas sociais fez com que o índice de investimentos escalasse bastante durante a ditadura, em especial justamente no período de maior arbitrariedade e fechamento do regime, após o AI-5. É o que se percebe no gráfico abaixo, que assinala a formação bruta de capital fixo na economia brasileira:

Gráfico 8 – Formação bruta de capital fixo na economia brasileira:



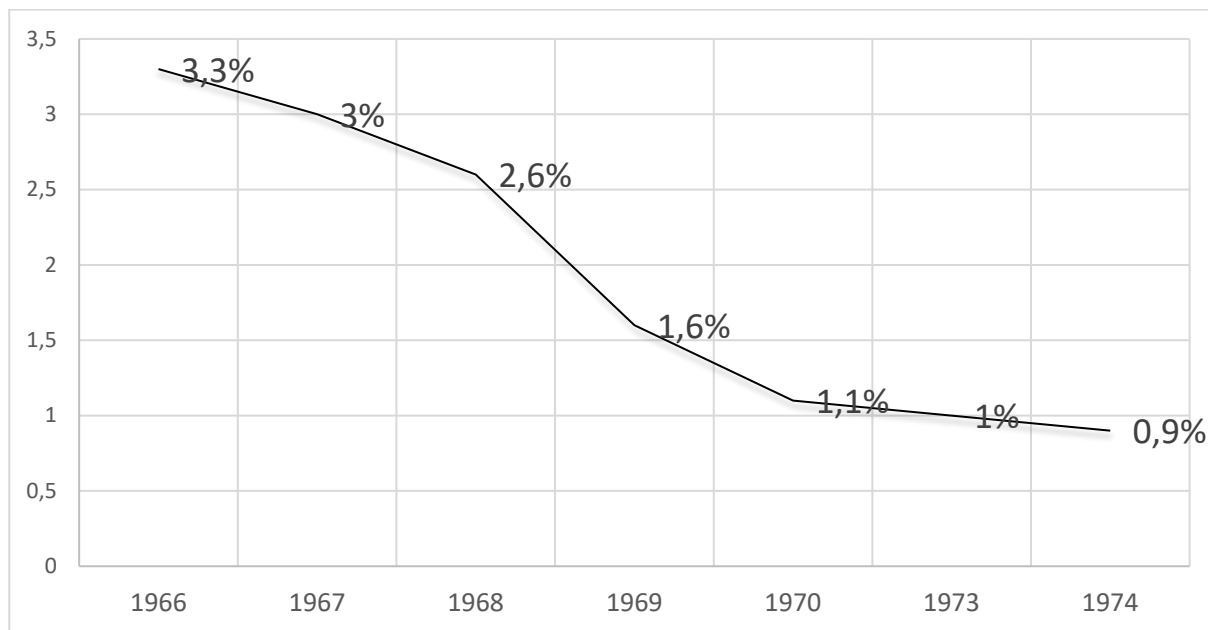
Fonte: Prado e Earp (2003).

Como se vê no gráfico, no qual novamente inserimos uma linha demarcando o golpe de 1964, o grau de investimento na economia – medido pelo índice da formação bruta de capital fixo – saiu de um patamar de 15% em 1964 até um auge de 24% em 1975, durante o governo Geisel. Os dados expressos por esse gráfico convergem com o que indicamos a respeito do orçamento, que viu a expansão dos gastos em Transportes e investimentos em geral na medida em que a ditadura se tornou um regime mais arbitrário e autocrático.

No entanto, se havia a expansão dos investimentos e gastos com a construção de rodovias e outros dispêndios no Ministério dos Transportes e nas pastas militares, o mesmo não se pode dizer das áreas sociais. Houve iniciativas na área do saneamento no âmbito do Ministério do Interior, como o Plano Nacional de Saneamento (Planasa), que tinha participação do Banco Nacional de Habitação, mas essa área não tinha a mesma prioridade da construção rodoviária e também teve os seus recursos capturados por interesses empresariais como os das empreiteiras. A Educação realmente dispôs de dotações elevadas, tendo em vista os projetos da ditadura para aperfeiçoamento das universidades,

com ampliação da pós-graduação, financiamento à pesquisa, reestruturação das instituições federais de ensino superior, consoante o projeto “desenvolvimentista” da ditadura, malgrado toda a repressão nos ambientes universitários (Motta, 2014). Além disso, havia incentivos e subsídios ao setor privado, financiamento de livros didáticos, dentre outras questões. Já a situação da pasta da Saúde não gozava da mesma preocupação, como se vê abaixo:

Gráfico 9 - Proporção das dotações do Ministério da Saúde no Orçamento geral da União:



Fonte: IBGE (1967-1975).

Como se vê no gráfico acima, o orçamento do Ministério da Saúde era declinante em comparação às dotações federais gerais na primeira década da ditadura. A pasta saiu de um patamar de mais de 3% do orçamento federal em 1966 para menos de 1% oito anos depois. Apesar de ter havido uma reforma da previdência no início da ditadura e parte dos recursos do setor terem sido direcionados para a área da saúde, inclusive com a sua apropriação privada e direcionamento dos bons serviços para segmentos profissionais específicos, o que notamos é uma redução relativa do orçamento particular do Ministério da Saúde durante a ditadura. Por mais que tenham ocorrido conquistas e iniciativas importantes – muitas vezes com apoio internacional –, como a erradicação da varíola e o Programa Nacional de Imunizações, o país viveu surto de meningite em 1971, em especial em São Paulo, além de alta nos casos de poliomielite e sarampo. Assim, havia uma deficiência das políticas de saúde na ditadura, muitas vezes voltadas para proporcionar condições sanitárias para exploração da Amazônia e sujeitas à perseguição política.

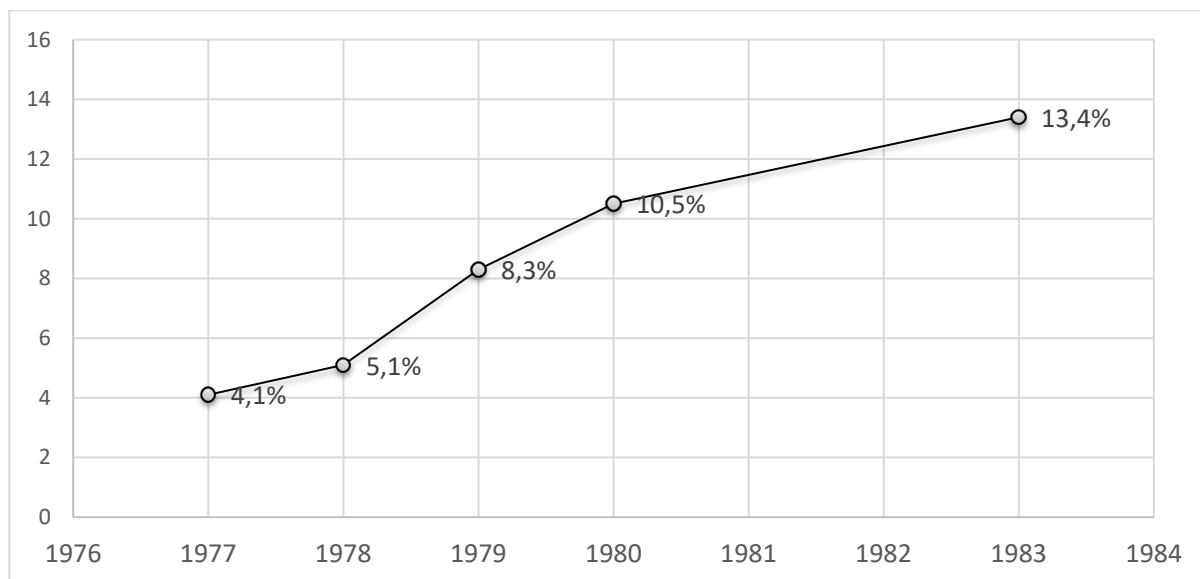
Conforme vimos nessa seção do artigo, o processo de endurecimento da ditadura levou a um aumento dos gastos com investimentos e dispêndios nos Transportes, com recursos apropriados por grupos empresariais como as empreiteiras de obras públicas. Por outro lado, o mesmo processo levou à redução de parte dos gastos sociais do orçamento direto, como os dispêndios do Ministério da Saúde, que viu suas dotações perderem proporção nos gastos gerais da União durante os primeiros dez anos da ditadura. Vejamos agora alguns movimentos sentidos durante a metade final da ditadura e durante o processo de transição política.

Dinâmica do orçamento federal em meio ao processo de abertura política:

O processo de distensão da ditadura coincide com uma grave crise vivida na economia brasileira que tem início na segunda metade da década de 1970 e se aprofunda nos anos 80 na forma de inflação, desemprego, recessão, tendo como consequência o aumento dos conflitos sociais, litígios coletivos e manifestações populares contra a carestia e a alta dos preços na forma dos “quebra-quebras”. O choque internacional de 1973 pôs em xeque o modelo econômico do “milagre”, que era dependente da liquidez internacional na forma de investimentos e empréstimos com juros baixos. O governo Geisel colocou a economia brasileira em “marcha forçada”, de modo a realizar o processo de transição política em um ambiente de expansão econômica e abrandamento dos conflitos sociais, mas o plano foi parcialmente abortado em seu andamento, tendo em vista a inviabilidade da manutenção do mesmo. Para piorar, em 1979, veio o duplo choque externo, com a nova alta do preço do petróleo em razão da Revolução Iraniana e a elevação dos juros nos EUA. A economia brasileira passou a viver uma situação crítica, com o seu alto endividamento e dependência externa, inaugurando um período recessivo, inflacionário e de instabilidade geral.

Em meio a esse processo, o orçamento federal sofreu profundas reformulações. Na segunda metade dos anos 70 e primeira metade dos anos 80, houve uma complexificação da estrutura do orçamento, com mais itens compondo os gastos e elevação de alguns custos antes limitados. Notamos por exemplo, uma ampliação significativa dos gastos previdenciários, antes bastante restritos e que passam a dispor de cifra específica no orçamento, perfazendo aproximadamente 10% dos gastos federais no final dos anos 70 e início dos 80, consoante a ampliação da previdência rural e outros gastos no setor. Os gastos previdenciários passaram a dispor de rubrica específica no orçamento em 1977 (IBGE, 1978).

Gráfico 10 – Proporção dos "Encargos financeiros" no Orçamento geral da União realizado:



Fonte: IBGE (1978-1985).

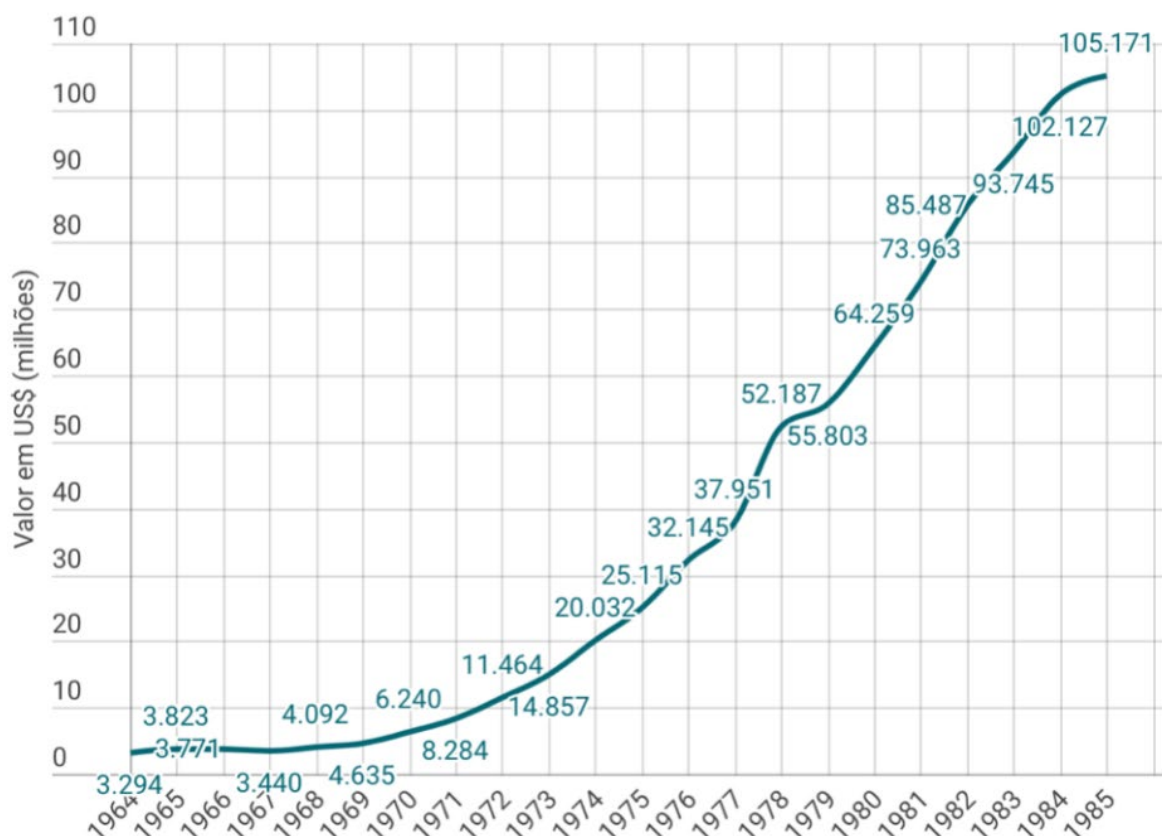
Além disso, desde 1970, alguns gastos administrativos antes incluídos na despesa do Ministério da Fazenda passaram a dispor de uma linha específica do relatório anual, com os “Encargos gerais da União”, o que incluía pagamento de precatórios, funcionalismo, transferências a estados e municípios, gastos financeiros etc. A partir de 1980, a transferência para estados e municípios ganhou um item específico no orçamento, passando a ter dotações crescentes. Deve-se levar em consideração que se trata de um momento do avanço da transição política, com a mudança para o pluripartidarismo, a retomada das eleições estaduais dois anos depois, com toda uma adaptação para influir mais nas entidades subnacionais e no processo eleitoral, em meio ao crescimento da oposição política à ditadura. O governo federal passou a dispor de maior atenção aos governos estaduais e municipais, de modo a manter uma maioria do partido da ditadura, a Arena, nessas instâncias.

Outra tendência percebida no período foi da explosão dos gastos financeiros. O gráfico 10 retrata uma nova rubrica que passou a figurar no relatório anual do orçamento federal concebido em 1977, referente aos “Encargos financeiros”. Trata-se de um item novo que se autonomiza dos “Encargos gerais”, que havia sido derivado, por sua vez, da rubrica do Ministério da Fazenda. Consoante a alta dos juros e o processo de endividamento da economia brasileira, nota-se a explosão dos gastos com amortizações e juros da dívida pública brasileira, que partem de 4,1% do orçamento geral da União em 1977 para 13,4% em 1984.

Em um cenário de juros elevados e grande endividamento da economia brasileira para manutenção dos grandes projetos do regime, mesmo esses gastos elevados com juros

e amortizações não conseguiam estancar a elevação da dívida pública brasileira, naquele momento expressa principalmente no endividamento externo:

Gráfico 11 – Evolução da dívida externa brasileira durante a ditadura:

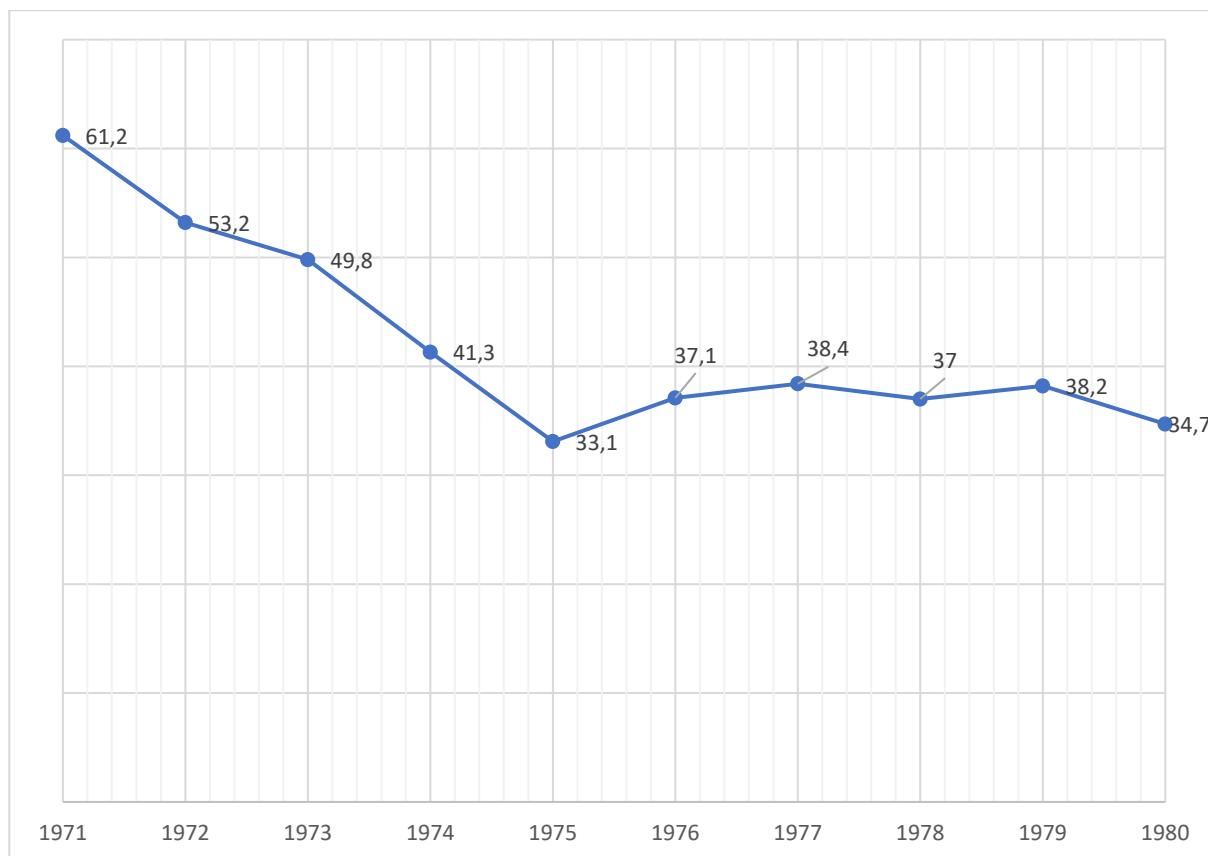


Fonte: Schulte-Frohlinde (2025, p. 14).

Nota-se no gráfico acima a elevação exponencial da dívida externa brasileira principalmente a partir da década de 1970. Esse endividamento elevado, com juros altos e prazos curtos iria ampliar significativamente os gastos financeiros do governo federal, levando à redução dos dispêndios em outras áreas. Tendo em vista que o governo brasileiro durante a ditadura não cogitava a possibilidade de moratória, renegociação da dívida ou auditoria do endividamento, a limitação dos outros gastos orçamentários era crescente. O endividamento contraído pela ditadura cria o cenário da crise da dívida na década de 1980.

Tendo em vista esses novos fatores do orçamento – elevação dos gastos financeiros, aumento dos dispêndios previdenciários e majoração das transferências para estados e municípios, após o período de forte centralização política do auge da ditadura –, as dotações das pastas da esplanada reduziram ano após ano em meio ao processo de abertura política. O gráfico abaixo mostra a redução da porção referente aos ministérios do poder Executivo em relação ao orçamento geral da União ao longo da década de 1970:

Gráfico 12 – Proporção dos gastos dos ministérios em relação ao orçamento federal geral:



Fonte: IBGE (1972-1981).

Como se vê, a parte controlada pelos ministérios saiu de pouco mais de 61% em 1970 para apenas 34,7% do Orçamento geral da União dez anos depois. Nota-se que o choque de 1973 gerou efeitos imediatos sobre os dois anos seguintes, quando a queda dos dispêndios dos ministérios foi bem acentuada. Essa redução ocorreu no compasso da elevação dos gastos previdenciários, financeiros e nos repasses para estados e municípios. Como alguns desses ministérios contavam com um conjunto de funcionários com estabilidade e o pagamento dos seus ordenados não podia ser alterado, a solução encontrada será a redução dos investimentos. O efeito disso foi a própria redução da expansão da economia brasileira nesse mesmo período.

Em meio ao processo de transição política, o governo federal lançou medidas como a “desburocratização” do Estado e o controle sobre as estatais. Assim, mesmo a administração indireta foi limitada em seus dispêndios, mantendo-se algumas prioridades, como a obra da usina de Itaipu e as plantas nucleares de Angra dos Reis. O motivo alegado era o alto endividamento estatal e a solução apresentada passou a ser a diminuição das ações do Estado e a privatização de algumas autarquias e ativos de empresas públicas. Como algumas pesquisas recentes indicam, já durante a ditadura o discurso privatizante e

neoliberal foi ganhando força e algumas ações de desestatização foram realizadas. A preparação para o ciclo neoliberal dos anos 90 foi semeada nesse período e naquele contexto os grandes grupos econômicos fortalecidos pelos investimentos e política orçamentária elástica da ditadura se capacitaram a incorporar ativos estatais privatizados e dos quais muitas vezes eles foram os construtores, contratados pelas agências do aparelho de Estado para realizá-las. Assim, grandes empresas de engenharia como Andrade Gutierrez, Mendes Júnior, Camargo Corrêa e Odebrecht passaram a adquirir ativos estatais leiloados como estradas, pontes, polos industriais da indústria petroquímica, plantas siderúrgicas e, depois, estádios de futebol e aeroportos. Os grupos econômicos fortalecidos sob a ditadura e as políticas “desenvolvimentistas” do período se mantinham poderosas política e economicamente ajustando-se às políticas neoliberais e privatizantes postas em prática a partir do final da ditadura.

Conclusão

Vimos ao longo desse texto como alguns grupos econômicos brasileiros que, em geral, apoiaram o golpe de 1964 conseguiram se apropriar do fundo público durante o período da ditadura. O olhar sobre as ações junto ao orçamento federal permite compreender melhor algumas prioridades da ditadura, bem como grupos sociais privilegiados pelas políticas estatais, com dotação mais generosa do fundo público.

Nesse sentido, percebemos, desde o golpe de 1964, uma elevação significativa dos gastos militares, com o endosso de projetos concebidos pelas forças armadas, com a tentativa de formação de um complexo industrial-militar brasileiro e também iniciativas como o controle da tecnologia nuclear para a confecção da bomba atômica.

De forma semelhante, após a interrupção das obras públicas e um período de contenção de gastos no início da ditadura, o governo autocrático passou a mobilizar um grande programa de empreendimentos de infraestrutura que estavam expressos em altas dotações para pastas como o Ministério dos Transportes, campeão em dispêndios entre as agências do poder Executivo no período entre 1968 e 1975. Esses recursos eram direcionados sobretudo para investimentos na forma de construção, pavimentação, ampliação, manutenção e melhoramento de estradas de rodagem, o que atendia às atividades de grupos econômicos como empreiteiras de obras públicas, produtores de materiais de construção, fabricantes de máquinas e equipamentos utilizados pela indústria construtora, além de toda indústria automobilística, que ganhava vias por onde os veículos produzidos poderiam rodar.

Assim, as prioridades orçamentárias da ditadura expressavam os grupos sociais e segmentos empresariais que dispunham de significativo poder no período, sendo agraciados com o direcionamento de boa parte do emprego do fundo público. O mesmo não ocorria em áreas como a Saúde Pública, que via a sua fração no orçamento federal declinar ano após ano, em um contexto de inexistência de um sistema de saúde universal e também de surtos de meningite e outras doenças, que não eram devidamente noticiadas pela mídia e pela imprensa em razão da censura oficial do regime.

Juan Pablo Bohoslavsky (2019) afirma que as ditaduras sul-americanas compravam a lealdade de certos grupos sociais para se manter. Como se trata de uma sociedade capitalista, o apoio do empresariado e sua aliança com os militares durante a ditadura não se dava apenas na forma do pacto político e da divisão de poder. O viés empresarial-militar da ditadura estava exposto também na repartição de recursos e na distribuição de partes do fundo público para os grupos sociais que constituíam o grupo dirigente à frente do Estado brasileiro durante o regime instaurado com o golpe de 1964.

Como citar este artigo:

ABNT

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. Grupos econômicos, conflito distributivo e fundo público durante a ditadura: as construtoras e a disputa pelo orçamento federal durante o regime empresarial-militar. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, Niterói, v. 18, n. 1, p. 94-117, jan.-abr. 2026. <https://doi.org/10.15175/c1mnrk28>

APA

Campos, P. H. P. (2026). Grupos econômicos, conflito distributivo e fundo público durante a ditadura: as construtoras e a disputa pelo orçamento federal durante o regime empresarial-militar. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, 18(1), 94-117. <https://doi.org/10.15175/c1mnrk28>

Copyright:

Copyright © 2026 Campos, P. H. P. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2026 Campos, P. H. P. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Gizlene Neder

Referências

ALMEIDA, Júlio Sérgio Gomes de; DAIN, Sulamis; ZONINSEIN, Jonas. *Indústria de Construção e Política Econômica Brasileira do Pós-Guerra*: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1982. p. 1-145

ARAUJO, Victor Leonardo de; MATTOS, Fernando Augusto Mansor de (org.). *A Economia Brasileira*: de Getúlio a Dilma. São Paulo: Hucitec, 2021.

BOHOSLAVSKY, Juan Pablo. A cumplicidade em contexto: é a economia, estúpido! In: BOHOSLAVSKY, Juan Pablo; FERNÁNDEZ, Karinna; SMART, Sebastián (org.). *Complicidad económica con la dictadura: un país desigual a la fuerza*. Santiago: LOM, 2019. p. 25-43.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conselho Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico do Brasil*: 1963/1988. Rio de Janeiro: IBGE, 1964/1989.

MORAES, Rafael. O governo Castello Branco e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo: as bases do “milagre” (1964-1967). *América Latina em la Historia Económica*, v. 23, n. 2, p. 64-9, mayo-agosto 2016. Disponível em: <https://alhe.institutomora.edu.mx/index.php/ALHE/article/view/709>. Acesso em: 10 ago. 2025.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

OLIVEIRA, Francisco de. O surgimento do antivalor: capital, força de trabalho e fundo público. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 22, p. 8-28, out. 1988. Disponível em: <https://doceru.com/doc/eesv5x5>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (org.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 4, p. 209-241.

QUINTELLA, Wilson. *Memórias do Brasil Grande: a história das maiores obras do país dos homens que as fizeram*. São Paulo: Saraiva / Vigília, 2008.

SCHULTE-FROHLINDE, Mai Sophie Julia. *Relações bilaterais entre Brasil e Alemanha Ocidental entre 1960 e 1990: investimentos econômicos às custas de violações ambientais e dos direitos humanos? Ilhéus*: Uesc, 2025. Material de qualificação de mestrado em História

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. *A política externa do regime militar brasileiro: multilateralização, desenvolvimentismo e construção de uma potência média (1964-1985)*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1998.